

Pe. Isac Lorena, C.Ss.R

IN ILLO TEMPORE

Infância da Província Redentorista
de São Paulo S.P. 23

EDITORA SANTUÁRIO
Aparecida-SP
1979

Edição Pdf de Fl.Castro
2004

Apresentando

Caros confrades

Procurando estudar mais as pessoas “*daquelas que nos precederam*”, aqui vão estas poucas páginas, lembrando os primeiros anos de nossa Província de São Paulo S.P. 23.

São poucas páginas, mas elas valem por um livro de oração.

É impossível entender profundamente o presente sem levar em conta o sacrifício, o amor aos mais pobres e o espírito de luta de nossos pioneiros bávaros.

Dirigidos pelo Espírito, eles se encarnaram em nossa realidade brasileira. Nasceu a Vice-Província de São Paulo. Bravos bávaros que nunca serão esquecidos!

“Sem o espelho retrovisor, ninguém caminha para frente...”

Nossa Província de S. Paulo nasceu de um batismo de suor e sangue... Foi confirmada na luta pela libertação dos mais abandonados. Filhos legítimos de Afonso de Liguori, os redentoristas bávaros não se desviaram da rota. Rezaram sempre com o povo. Não só falavam de Deus, mas viviam falando com Deus. Eram homens de oração.

Essa herança que recebemos, de continuar a presença deles na Igreja do Brasil, exige de nós muita atenção, uma volta contínua ao passado. “Volta ao passado”, não para repetirmos hoje seus métodos pastorais de ontem, mas para descobrirmos, na

sua vida vivida, o alicerce que colocaram: o carisma afonsiano.

A experiência de vida apostólica deles foi presença. Eles tematizaram o ser-agir redentorista na realidade nossa. Essa foi a razão pela qual nosso confrade Pe. Isac Lorena tirou do arquivo seus passos e gestos... A história deles é a nossa história. Nós somos seus continuadores. Eles foram os pioneiros.

Sua coragem, seu amor à congregação, sua dedicação e preferência pelos mais pobres devem permanecer em nós.

Os pioneiros não morrem... Obrigado, Deus! Obrigado, Província Mãe da Baviera! Obrigado, Pe. Lorena! Hosana hey! Amém!

*Pe. José Carlos de Oliveira, C.Ss.R.
Superior Provincial*

IN PRINCIPIO

Em suas Memórias escreveu D. Eduardo Duarte Silva, o Bispo de Goiás que conseguiu a vinda dos primeiros Redentoristas bávaros para o Brasil: ... “formei o projeto de entregar os Santuários a Ordens Religiosas, a fim de cristianizarem as romarias; e, para consegui-las, andei, em Roma, de convento em convento. A última porta a que bati foi a do Rvmo. Pe. Geral dos Redentoristas e como nas outras, a resposta foi negativa.

Completamente desanimado, ao me despedir do venerando Padre, eu lhe disse: Padre Geral, minha consciência está tranqüila, pois fiz o que pude. Santo Afonso fundou a sua apostólica Congregação para salvar as almas mais abandonadas, e eu vou sair daqui como saí de outras Casas Generalícias? Entrego a Nosso Senhor este assunto de tanta importância.

À tarde veio visitar-me o Pe. Geral, com a auspiciosa notícia de poder dar-me alguns religiosos de sua Congregação, mas da Baviera, e não da Itália, sendo necessário fosse eu para lá, a fim de me entender com o Pe. Provincial. Segui para Gars, na Baviera, onde eu já era esperado, pois, na Estação encontrei, para me receber, o Pe. Gebardo Wiggermann, já designado para Superior da turma que devia ir para Goiás”.

Há, em nosso Arquivo Provincial, uma foto que logo irá completar os seus cem anos. Nela aparecem os primeiros Redentoristas bávaros que chegaram ao Brasil, para fundarem uma Vice-Província. Eram os Padres Gebardo, Siebler, João da Mata, Gahr, Wendl e Valentim. Completavam a turma os

Irmãos: Norberto, Gebardo, Ulrico, Floriano, Simão, Rafael e Estanislau.

Pe. Valentim, na véspera da partida para o Brasil contraiu uma senhora pneumonia, diante da qual o médico foi germanicamente categórico: Não pode viajar! — E ele só pôde vir no ano seguinte. Pe. Siebler, após trabalhar algum tempo em Aparecida e Goiás, voltou para a Alemanha, e deixou a Congregação.

O Ir. Floriano, em 1900, ordenou-se sacerdote, e foi o grande missionário Pe. Vicente. Na parte inferior da foto, uma inscrição bem alemã, pelo tipo das letras e construção da frase, diz: “1894 — retrato em Gars tirado”. Inscrição — documento, indicando para a posteridade a nossa inegável filiação: Made in Germany!

Presença de Nossa Senhora

É o que facilmente podemos notar nas circunstâncias que rodearam o nascimento da nossa Província.

1) Foi na festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que o Geral, Pe. Matias Raus, encarregou a Província Redentorista Bávara de iniciar atividades de evangelização entre pagãos e infiéis, conforme desejo do Capítulo de 1894. Embora não fosse o Brasil um nação pagã ou infiel, naquele tempo não estava longe disso; motivo pelo qual a Província bávara aceitou a fundação que lhe propunham os Bispos de Goiás e de São Paulo.

2) A data prevista para a partida dos Redentoristas bávaros para o Brasil foi o dia 24 de setembro,

feira de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos.

3) Durante a viagem, de passagem pela França, puderam os Fundadores, com uma licença toda especial, visitar o Santuário de Lourdes. E, segundo a Crônica, foi ali que Padres e Irmãos colocaram nas mãos da Imaculada, o feliz êxito da viagem que iam empreender (naquele tempo, uma aventura) e do trabalho que iam iniciar, num país inteiramente desconhecido para eles.

4) Foi no mês do Rosário (28 de outubro) que chegaram a Aparecida, para se encarregarem de um Santuário. E esse Santuário era de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

5) Em Goiás, deviam os Nossos cuidar do Santuário de Trindade. A imagem que nele se venera não é bem uma imagem da Sma. Trindade, mas de Nossa Senhora, pois apresenta as três Pessoas Divinas, coroando a Virgem Sma. em sua glória de Rainha do universo. E o berço da Vice-Província, naquele tempo em Goiás, foi colocado em Campininhas, paróquia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

Tudo isso nos leva a concluir que a Mãe da Igreja é também a Mãe da nossa Província. Ela, quem embalou o seu berço entre as duas paróquias, de Aparecida e Campininhas, ambas dedicadas à Imaculada Conceição; e Ela quem acompanhou os primeiros passos dos Fundadores, para que a Vice-Província se desenvolvesse, e chegasse a ser o que hoje é.

Coincidência

Saindo de Roma, o Bispo de Goiás chegou a Gars (Baviera) a 12 de julho de 1894. E foi por esses dias que o Governo Alemão permitiu que os Redentoristas voltassem aos seus conventos, para exercerem suas atividades como antes. A notícia foi destaque nos jornais; e os Nossos exultaram de alegria. Mas, como voltar às atividades, se o número de padres havia diminuído com a perseguição? E como ainda manter a promessa de enviar padres para o Brasil? Perplexidade para os Superiores.

Na hora, e muito vivo, o Bispo de Goiás soube puxar a sardinha para a sua brasa. Vejam — disse ele — como Deus recompensou a caridade que a Província teve para comigo! Bastou que ela me promettesse os Missionários, e a Providência logo retribuiu, permitindo a volta dos padres a seus conventos. E antes que a situação se complicasse, D. Eduardo tratou de viajar para a França, dizendo que contava certo com os Missionários em Bordéus, de onde seguiriam juntos para o Brasil.

Mais um, batendo à porta

Mal viajara D. Eduardo, chegava a Roma o então Vigário-Geral (depois Bispo) de São Paulo, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. À procura de padres para a Diocese Paulistana, foi bater também às portas da nossa Casa Generalícia. Com os olhos rasos de lágrimas foi que ele pediu ao Pe. Geral lhe cedesse alguns Redentoristas para se ocuparem do Santuário de Nossa Senhora, em Apa-

recida. Comovido, Pe. Raus tratou de se comunicar logo com o Provincial da Baviera. E os dois puseram as mãos na cabeça: Como ceder os padres, se a Província não os tinha nem para as suas necessidades? Mas como não atender a um pedido feito e regado com lágrimas?

Os dois Superiores não eram brasileiros, mas souberam dar um “jeitinho”; e não imaginaram que o jeitinho estava iniciando uma obra de repercussão em todo o Brasil. Era Deus quem estava escrevendo, e a seu modo, algo que havia preparado para a glória de sua Mãe Santíssima.

Com muito sacrifício o Provincial reforçou a turma com mais alguns elementos, e o Pe. Geral decidiu: Viriam para Goiás os padres: Gebardo (Superior), João da Mata, Siebler, e o subdiácono Hubbauer, com os Irmãos Norberto, Ulrico, Gebardo e Floriano; para Aparecida os padres Gahr, Wendl, Valentim, e os irmãos Estanislau, Rafael e Simão.

A viagem

“Não falando os Redentoristas senão a língua alemã e o latim e não havendo nunca viajado por mar, deram muito o que fazer durante a viagem, especialmente o mais velho de todos, Pe. Gahr. Supondo ser uma grave enfermidade o enjôo, e que seu estado era mortal, ele, vendo-me entrar no seu camarote a pedido do Superior, que também o julgava perdido, muito abatido exclamou: Domine, da mihi oleum infirmorum!

— Bolachas, chá bem forte, e o ar puro no tombadilho curaram o bom velho, assim como os outros que sentiam enjôo.

Outro padre, também avançado em anos, e que nunca saíra da Alemanha, de tudo se admirava; e, vendo em Dakar os negrinhos mergulharem, para buscar as moedas que os passageiros atiravam ao mar, exclamou: *Mirabilia! nunquam vidi talia!*" (D. Eduardo Duarte Silva, em suas Memórias).

Dois Frades extraviados

Foi num domingo, 21 de outubro (1894) que os Nossos chegaram ao Rio, após uma viagem que não lhes deixou qualquer sombra de saudades. A pedido de D. Eduardo, o Ministro da Guerra havia colocado quatro lanchas para o desembarque da turma em terra. Sem que o Superior o soubesse, o Bispo embarcou logo na primeira lancha, deixando as outras para os Redentoristas e suas bagagens.

À hora da saída do navio, foi aquela confusão, num solene corre-corre, cada qual procurando desembarcar: portugueses, judeus, brasileiros, alemães, todos queriam pisar o chão firme. A única preocupação dos Nossos: Não se perderem, uns dos outros.

Mesmo assim, os Irmãos Norberto e Floriano, que já estavam para descer a escada do navio, voltaram às pressas, para pegarem suas cadeiras de vime, esquecidas no navio. Sem o notar, os demais embarcaram nas lanchas e saíram. Deram, depois, pela falta dos irmãos; tranqüilizaram-se, porém, achando que eles iriam tomar uma outra lancha. Qua-

se noite, desembarcaram perto de um quartel, para fugirem da alfândega, segundo instruções do Ministro. O Bispo os levou para o Seminário Episcopal, onde foram recebidos com um bom jantar.

A turma retribuiu com um corajoso apetite alemão, adormecido na viagem devido ao enjôo. Em meio a toda aquela festa, todos se perguntavam pelos Irmãos extraviados. Sem dinheiro, e desconhecendo a língua do país, como iriam se arranjar? Promessas a Santo Antônio, foi a solução encontrada. Os Nossos já estavam acomodados para dormir, quando chegaram os dois extraviados, cada qual carregando a sua preciosíssima cadeira de vime. Foi aquela festa. Contaram então o que lhes sucedera.

Deixando o navio, não viram mais lancha alguma. Por muito favor, conseguiram entrar numa barca, de dois rapagotes que deles caçoaram a mais não poder; e quase os jogaram no mar, quando perceberam que eles não tinham com que pagar a viagem. Fazendo-os ouvir os mais sonoros palavrões brasileiros (que ainda não entendiam), deixaram os dois frades em terra. Logo formou-se ao seu redor uma turma de curiosos, que começaram a gozar deles. Olhando de um lado para o outro, sem compreender nada, os dois pensaram apenas que havia chegado o momento de serem sacrificados pelos índios do Brasil. Foi quando o Ir. Norberto, enchendo-se de coragem, gritou: Não há por aqui alguém que entenda alemão? Ninguém entendeu o que ele gritou (em alemão) a não ser um judeu, que nada quis fazer por eles.

Afinal, a compaixão do brasileiro acabou prevalecendo. Levaram os dois coitados para o convento mais próximo. Era um Mosteiro Beneditino, cujo

Prior, com a maior caridade os recebeu, pagando a um guia que os levou para o Hotel do Globo, propriedade de um sueco. Este, sim, foi o bom samaritano que tudo resolveu. Como sabia alemão, inteirou-se de tudo, e encaminhou os dois extraviados para o Seminário. Para eles, tão importante como os Confrades, foi o encontro com um bom jantar, que lhes matou uma fome daquelas...

Rumo a São Paulo

Permaneceram os Nossos no Rio para algumas compras e, no dia 24 de outubro, logo de manhã, tomaram o trem para S. Paulo. Tiveram, porém, que deixar no Seminário, o Subdiácono Hubbauer que adoeceu. Ficou em observação, pois, na ocasião, a febre amarela estava se apresentando no Rio.

Constataram, depois, que a febre era outra, pois, ao almoço do dia anterior, o doente havia comido umas tantas bananas, com casca e tudo. Esse, pelo menos, foi o diagnóstico feito pelo Cronista. — “Para evitar que fossem atacados pela febre amarela, despachei-os, quanto antes, para S. Paulo, onde, com grande surpresa minha, teve que ficar a metade da turma, por ordem do Cardeal Rampolla, e a pedido de D. Joaquim Arcoverde, para se encarregar do Santuário de Aparecida. Mais uma vez verifiquei o que disse Virgílio: Quos ego feci, tulit alter honores”. (D. Eduardo Duarte Silva, em suas Memórias).

Afinal, em Aparecida

Escreve o Cronista: “Chegara o momento em que deveríamos nos separar, e talvez para sempre, neste mundo. Alguns iriam encetar a viagem para o norte, jornada horrendamente longa na extensão, e sumamente penosa: 3 dias de trem, e 20 dias a cavalo, por 80 léguas de marcha, ao passo que os outros apenas iriam refazer as seis horas de trem até Aparecida. A despedida foi extremamente cordial, provavelmente a última, devido às enormes distâncias. Assim, ao menos, pensávamos nós”.

Foi num domingo, 28 de outubro, às 10 da noite, quando os Nossos desembarcaram na estação de Aparecida; isso porque, naquele tempo, a Central, de vez em quando, resolvia não atrasar. Todo o povo esperando. Foguetes subindo. A banda rasgando furiosos dobrados. Só não houve discursos. Os troles alinhados, à espera dos Padres e Irmãos que logo tomaram seus lugares. E, troteando ladeira acima, chegaram à casa do Tesoureiro João Maria de Oliveira, na praça da igreja.

Após um bom jantar, “conduziram-nos para a casa que nos tinha sido preparada, na verdade, bastante apertada. Mas, pelo que já nos haviam prevenido na Baviera, até que ultrapassou nossa expectativa” (Crônica).

De manhã — continua o Cronista — celebramos na magnífica igreja, e após o café, tivemos tempo para visitar melhor a igreja e admirar a imagem milagrosa. Tudo nos impressionou fortemente; e não sabíamos como agradecer à Mãe da Divina Graça ter-nos concedido este lugar abençoado, onde, com o tempo, tanto bem se iria fazer.

O dia 31 estava destinado para ser o da partida daquele que havia sido, até então, o nosso querido pai e guia. Após cordial exortação ao amor fraterno e à caridade, à obediência e à renúncia, separamo-nos com fraternal abraço, e corações profundamente comovidos. Ainda uma bênção, e nos deixou o Pe. Visitador. (i.e. o Pe. Gebardo).

Pe. Miguel Siebler

Foi também um dos Fundadores da então Vice-Província; privilégio que ele não soube, ou não pôde conservar, como os outros, seus colegas de turma.

Tendo vindo para o Brasil em 1894, Pe. Miguel também provou daqueles sacrifícios e privações que marcaram a missão Redentorista em Aparecida e em Goiás. Mas, após os primeiros anos, ele voltou para a Alemanha, em 1899; e em 1903 deixou a Congregação, para regressar logo ao Brasil, como Padre diocesano. Foi então Vigário de Santa Tereza, em Valença-RJ, em Guaraci-SP e Icém-SP.

Embora egresso, continuou sempre amigo nosso, e no seu testamento, feito já em 1907, deixou todos os seus bens para a Congregação. Foi nesse ano que ele escreveu ao Geral, pedindo ser readmitido na Vida Religiosa Redentorista. E em janeiro de 1908, escrevendo ao Vice-Provincial, dizia ele:

“Vou indo bem, e como nunca o poderia desejar. Tenho uma ótima paróquia e para a minha disposição, seria difícil achar outra melhor. Tenho bons e bonitos cavalos, podendo ir de trem ou a cavalo aonde eu quiser. Sou sempre bem recebido em toda

parte, gosto de trabalhar; casa boa, bem apresentável e mobiliada; saúde e disposição não me faltam; cerveja aos montes, para eu tomar à vontade. Por isso, coração, que mais a desejar? Mas... apesar de toda essa felicidade exterior, tenho um verme roendo-me o coração.

Desde criança fui sempre religioso; e essa piedade, que eu herdei da minha querida mãe, vive me atormentando, exigindo sempre mais de mim, e mostrando-me a santificação. Vejo que somente assim poderei encontrar a felicidade que desejo. Para um Padre secular a santidade é muito difícil. E é por isso que eu vivo desejando sempre voltar para o convento. Não me esqueço daquela palavra: Você está correndo bem, mas... fora do caminho”.

Pe. Miguel insistiu várias vezes como Pe. Geral, pedindo ser readmitido na Congregação; mas o Pe. Geral não concordou. Após alguns anos como Vigário de Guaraci e Icém, já idoso, ele recolheu-se como Capelão das Irmãs Franciscanas de Pindamonhangaba, onde veio a falecer em 1942, aos 77 anos de idade.



I - RUMO A GOIÁS

Já estavam em Aparecida os escolhidos para o trabalho do Santuário. Os “goianos”, i.é., destinados a Goiás, permaneceram em São Paulo, esperando pelo Pe. Gebardo (que fora entregar a turma em Aparecida) e a 5 de novembro, às 5 horas da madrugada iniciaram a viagem para Campinas.

Todos sabiam que a coisa não ia ser sopa, nem cerveja, principalmente depois de Uberaba. Mas, germanicamente armados de coragem, viajaram, no primeiro dia, até Campinas-SP, onde pernovernaram. Dia seguinte fizeram, de trem, todo o trajeto até Uberaba. De batina e sobretudo, puxados por uma soberba “Maria Fumaça”, todos puderam sentir as delícias do calor brasileiro que ainda não conheciam.

Durante a viagem Pe. Gebardo contou aos colegas um sonho que tivera por diversas vezes: Todos tinham sido atacados por homens que lançavam bombas contra eles; mas nenhum foi ferido, porque São Geraldo aparava as bombas e protegia os seus Confrades.

Em Uberaba a recepção foi solene, com banda de música e foguetório. Levados ao convento dos Dominicanos, souberam de um desastre, ocorrido na véspera. Enquanto um fogueteiro preparava os seus fogos, várias bombas explodiram matando algumas pessoas, e ferindo outras. A turma logo se lembrou do Pe. Gebardo e de São Geraldo... Mas, como a barba já estava de molho para o que desse e viesse, a 17 de novembro iniciaram aquela que, já espera-

vam, seria a travessia, não do Mar Vermelho, mas do Mar Negro...

Devotos “do Santo Antônio”

A 17 de novembro tudo pronto para a viagem. Ao lombo de vários animais canastras e mochilas, com redes de dormir, ferramentas, facões, e carne seca em profusão. A caravana era solene, e cômica ao mesmo tempo.

À frente ia o Bispo, D. Eduardo, ladeado pelo Vigário e um Dominicano. Vinham depois os demais cavaleiros: alguns camaradas, três Padres diocesanos, e os oito redentoristas, que montavam a cavalo pela primeira vez na vida. Todos com suas botas e capas de chuva. Mal começaram os animais a trotear, os Nossos e agarraram devotamente a “Santo Antônio” dos celins, sem saber o que fazer com as rédeas.

Foi assim que atravessaram a cidade, sob os olhares espantados que surgiam nas ruas, portas e janelas das casas. As crianças se divertiam com o espetáculo, e as comadres se benziavam, perguntando o que era aquilo...

Ritual desconhecido

Após umas boas léguas de viagem, a caravana chegou à fazenda Sta. Gertrudes. Escreve o Cronista: A fazenda é muito grande, com umas 4 a 5 mil cabeças de gado, pastando pelos campos; o pomar tem toda sorte de frutas. No dia seguinte apareceu

muita gente; algumas confissões, e um bom número de crismas.

Em Veríssimo, o Sr. Bispo abriu a Visita pastoral. À noite houve reza e pregação. No fim o Vigário local foi obrigado, com as mãos trêmulas, a apresentar ao Bispo, um por um, seus paramentos velhos e estragados, que o Prelado rasgava, atirando-os, depois, para longe. Encerrado esse estranho ritual, o Vigário foi suspenso de Ordens, até que renovasse os paramentos e vasos sagrados da igreja.

Em Veríssimo, o Sr. Bispo e os padres ficaram dois dias. Pe. Siebler, porém, com os Irmãos coadjutores, seguiram para a próxima fazenda, lugar do pouso seguinte do Sr. Bispo. Mas aconteceu que o camarada errou o caminho, e lá ficamos nós, de um lado para outro, até que às 10 horas da noite fomos dar uma choça, ainda bem que de gente boa.

A família, pequena, ficou muito feliz, pensando que, no dia seguinte haveria Missa na cabana. Azar! Esquecemos a chave da mala de Missas... e o Pe. Siebler só pôde trocar umas palavras com os da casa. Montamos outra vez, e saímos à procura do caminho certo, até que, após três horas, topamos com os emissários do Sr. Bispo que nos procuravam.

Horribilia

Pousando, ora numa fazenda, ora noutra, a caravana seguiu para o povoado de Santa Maria. O Cronista descreve: O mormaço era de sufocar; e o céu cada vez mais carregado, até que, de repente, desabou um temporal daqueles. Trovões e mais tro-

vões faziam estremecer a terra, e a ventania varria tudo. O aguaceiro foi um dilúvio que não nos deixava enxergar um ao outro. Não podendo ir para a frente, os animais voltaram as costas para o vento e estacaram. Isso durou bem uns 15 minutos; e às 5 horas da tarde estávamos entrando no povoado.

Quando chegamos ao arraial de Santa Maria — escreve D. Eduardo — vieram os pretos, que se intitulam irmãos do Rosário, cumprimentar-me com suas danças e cantos, ou berros africanos, acompanhados de tambores e reco-recos, danças que se chamam congadas ou moçambicados. Perguntei então ao Pe. Späth: Quid tibi videtur? Respondeu-me: Mirabilia! Logo depois eles saíram um pouco, para umas voltas no campo. Voltaram crivados de carrapatos, com o que muito tiveram que sofrer. Que tal? — perguntei ao Pe. Späth. — Horribilia! — foi a resposta.

Percevejos, etc.

Deixando Santa Maria, a caravana dividiu-se. O Bispo seguiu para a Capital (Goiás) com dois dos seus Padres, e por outro caminho. Os Nossos, guiados pelo diocesano Pe. Souza e dois camaradas, a nova rota. Com isso, adeus almoços e jantares! (em atenção ao Bispo). No primeiro dia abrigamo-nos na casa de um rancheiro, que nos vendeu uma janta, porque tivemos que pagá-la todinha. No segundo dia assentamos pouso numa fazenda, onde o Pe. Souza sacramentou um doente. Pe. Gebardo deu a entender que havia oportunidade para confissões. Ninguém se apresentou.

No dia seguinte, alcançamos Monte Alegre. Procuramos perto, no rio, um lugar onde pudéssemos tomar banho; e o Pe. Hubbauer o encontrou. Mas, enquanto se banhava, uma vaca aproveitou para lhe comer a camisa (gostou do sal?) resultado disso um aviso do Pe. Gebardo: Tenham mais cuidado.

Quinta-feira, acertamos com outro rancho, onde o camarada Elias teve que dar uma de cozinheiro. Tínhamos carne seca e toucinho, mas recheados de... bichos. O Elias não se apertou. Sacudiu os bichos, cortou a carne em pedacinhos, socou tudo num pilão, sem lavar, é claro, remexeu aquela papa com as mãos, e apresentou aquele seu lindo prato ao nosso apetite. Ninguém foi capaz de prová-lo, apesar da nossa fome de crocodilos. Foi aí que o Pe. Gebardo mandou ao Irmão Norberto que nos fizesse o café da manhã de acordo com o figurino alemão. Ele derramou a água no coador sobre a massa do café feito no dia anterior, após ter adoçado a água. E o Irmão ainda repetiu a mesma operação, umas duas ou três vezes, com o mesmo pó.

Pe. Souza achou aquilo muito engraçado. Mas, vendo que não parávamos de tomar café alemão, avisou que a coisa poderia terminar em disenteria. E esta não se fez esperar. Já no dia seguinte estávamos todos daquele jeito. A correria foi geral. (Quantos WC havia naquele rancho?)

No dia seguinte, mal pudemos montar a cavalo. Pe. Gebardo chegou a cair de fraqueza. Foi quando o Pe. Späth comprou um frango de um rancheiro, para o doente restabelecer suas combalidas forças. Reiniciamos a viagem, com o Pe. Souza mal-

humorado, pois a caravana estava se atrasando, devido ao estado pouco lisonjeiro dos viajantes.

Na primeira casa que encontramos, fizemos uma parada forçada, e o Pe. Gebardo precisou ficar de cama. Continuamos no dia seguinte, e chegamos a uma grande fazenda. Era sábado, e no domingo, de manhã houve Missa com pregação do Pe. Souza, e boa assistência. Após o almoço, montamos outra vez a cavalo; caminho péssimo, em declive, até que chegamos ao rio Paranaíba. A espera foi breve, e logo embarcamos com cavalos e bagagens numa jangada que nos levou à outra margem. Estávamos em Santa Rita.

Procuramos uma hospedaria, onde tomamos um copo de cerveja (que saudade!) e logo continuamos nossa caminhada. Quando chegamos a Passa Quatro, povoação de umas poucas casas, aí pernoitamos num rancho completamente aberto. Não consegui dormir, embora esticado na minha rede, por causa do frio e do vento que soprava à vontade. De manhã demos pela falta de dois animais. Pe. Souza mandou campeá-los, mas só à tarde apareceu o camarada com as mulas extraviadas.

A próxima parada foi em Morrinhos, onde chegamos às 10 horas da manhã. À entrada da cidade, Pe. Späth apeou do seu animal, e tendo numa das mãos suas espingarda que nunca abandonava, foi a pé, puxando o cavalo. Almoçamos e prosseguimos até uma grande fazenda, onde dormimos no paiol.

Já estava o Pe. Souza descansando, quando o Irmão Gebardo se lembrou de dormir também numa rede. Pe. Souza levantou-se, resmungou um pouco, e armou-lhe a rede. No dia seguinte almoça-

mos às 7 da manhã, e viajamos o dia todo sem parar, e o que foi pior, sem nada comer. Lá pelas 7 da noite chegamos a Pouso Alto. Véspera da Imaculada Conceição. O Vigário nos recebeu muito bem, hospedando-nos em sua casa. Serviu-nos pessoalmente o jantar que (devido a nossa fome) estava esplêndido.

Atamos o fio da viagem no dia 9, com o Vigário e alguns cavaleiros acompanhando-nos durante um bom trecho. À tarde chegamos à fazenda do Manoel Velho. Quando entramos no curral, desabou um tremendo temporal. À noite, quando estávamos repousando, recebemos a visita de uns hóspedes completamente desconhecidos, que não nos deixaram dormir um minuto sequer. Eram os tais de percevejos que, pelo visto, gostaram muito de nós, pois repetiram a visita na noite seguinte, em Santo Antônio das Grimpas.

Aí dormimos na igreja, debaixo de uma caixa de... marimbondos. Além disso, não pudemos evitar as goteiras, que eram muitas, e despejaram água a noite toda, com muita generosidade.

Até que enfim

A 11 de dezembro puderam os Nossos pisar terras já da Paróquia de Campininhas. Chegaram à casa do então célebre Lucindo, grande fazendeiro, e dono de um coração tão grande como sua fazenda. Recebeu a caravana até com fidalguia. Os Nossos respiraram. Afinal estavam numa casa, bem acomodados em quartos limpos e decentes, refeições à

vontade, para tirarem o atraso, e muita gentileza da parte de todos.

Lucindo tinha na fazenda uma ótima serraria que pôs à disposição dos Nossos para qualquer trabalho; e na construção da igreja, em Campinas, foi ele o mestre de obras, sem nada cobrar. Vou construir a igreja — disse ele — para depois morrer. Foi o que realmente aconteceu.

A 12 de dezembro, após uma légua (goiana) de caminho, chegaram os Nossos à casa de José Felício, irmão de Lucindo. Com sua amizade simples e sincera, o Felício “era uma legítima alma de Natanael; visitou-nos muitas vezes em Campinas, e costumava dizer que o Pe. Gebardo lhe roubara o coração, tanto era o bem que lhe queria”. (Cronista)

Deixando a casa de José Felício, a caravana continuou a viagem. Diz o Cronista: Após curta jornada, chegamos à última das elevações. Foi quando vimos à distância, um lugarejo, que nos disseram ser Campinas, a tão longamente almejada meta da nossa viagem. Descemos morro abaixo, até à fazenda do Inácio Pereira; e logo desabou um tremendo aguaceiro.

O caminho continuava a descer, e a chuva descia também, quando vimos, ao nosso encontro, um bando de cavaleiros, com suas capas de chuva. Mal nos viram, foi aquele foguetório. Tive que me agarrar bem, e com muita força, às rédeas, para não cair do meu cavalo assustado.

Ao entrarmos na povoação, parou a chuva. Gente brotava de todos os lados, querendo ver os Padres, e admirando nossas capas. Chegando à igreja, lá vimos o substituto do Pe. Souza, rindo como criança, com sua batina desabotoada, velha e

bem rasgada. Sem sapatos, veio ao nosso encontro com um belo par de tamancos. O Vigário nos saudou, rindo sempre, enquanto o povo nos olhava quase assustado. Nunca tinham visto tanto Padre assim.

Entramos na igreja. O piso era quase uma lagoa, devido às goteiras; e junto a um dos altares laterais, parte da parede havia caído. Postados diante do altar-mor, rezamos agradecidos o Te Deum; e em seguida fomos levados ao nosso lar.

Lembrando Belém

“Quando cheguei a Campininhas, já lá haviam chegado os Redentoristas, os quais, por não haver ali um prédio confortável, aboletaram-se numa pequena casa tosca e sem vidraças; durante vários dias, por falta de mantimentos, passaram só a milho cozido sem sal. Pacientes e corajosos, tudo suportaram”. (D. Eduardo Duarte Silva, em suas Memórias) — Concluimos: Todos pensavam que os Redentoristas eram anjos, moravam no ar, e viviam de brisa.

Continua com a palavra o nosso Cronista: A casa era de propriedade de D. Ana Rocha de Abreu. Tinha duas seções. Fomos instalados na menor, que se compunha de uma varanda, três quartos, e uma cozinha. Esta era um puxado de meia água, acabado no dia mesmo da nossa chegada. O reboco ainda estava molhado. Como era muito pequena e baixa, a todo momento estávamos tocando na parede ou no telhado, com a roupa sempre suja de barro. A metade da cozinha foi promovida a... refeitório. Móvel nenhuma.

Batemos quatro estacas no chão (o piso era de terra virgem) duas tábuas por cima, e essa foi a nossa primeira mesa. Este cômodo servia ainda como depósito dos arreios. E quando chovia, colocávamos os copos sobre a mesa para termos água das melhores.

Dos três quartos, um ficou para o Pe. Gebardo, o segundo para os Pes. Späth, Siebler e Hubbauer, e era um quarto sem janela. O terceiro transformou-se em capela, onde éramos alvo da curiosidade dos que passavam pela rua. (E os Irmãos? O Cronista parece que achou melhor nem falar). Todos os quartos tinham chão de terra batida, sem mesas e sem cadeiras.

O Irmão Gebardo, carpinteiro, assentou oficina na varanda, de dois metros de largura, e pôs-se a fabricar algumas banquetas. Como a varanda não tinha portas, a fumaça da cozinha entrava à vontade, causando grande moléstia ao Irmão. O mal de olhos que, mais tarde o atacou, provavelmente deve ser referido a este tempo e a este lugar.

Depois que passamos a comer da mesa de D. Ana a comida era excelente. Ela sentava-se perto, cuidadosa de que nada nos viesse a faltar. Já tinha mais de 80 anos, caminhando sempre apoiada numa bengala. Faleceu piedosamente na sexta-feira santa de 1901.

Lembrando Nazaré

Depois que já nos tínhamos acomodado mais ou menos, o Irmão Norberto começou a cozinhar. E veio o tempo das vacas magras. Informado do nosso

magro passadio, o Pe. Souza nos comprou e mandou um quarto de vaca. O Irmão Norberto não sabia o que fazer com tanta carne; mas o Pe. Souza explicou que deveria retalhá-la e expor ao sol para secar.

Ele a pendurou simplesmente na cozinha, até que a carne começou a cheirar bem mal. Assustado, Irmão Norberto perguntou ao Ministro Pe. Späth que fazer com a carne. — Enterre tudo no quintal! — foi a ordem. De novo sem carne, e por muito tempo, nossa comida era apenas feijão com arroz.

Chegando o Natal, chegou também o Bispo, que se hospedou na casa do Manuel Pereira. Os caminhos estavam péssimos; pelo que o Bispo nos mandou avisar que, se não reformassem a rua, ele não viria a celebrar na igreja. Os irmãos com o Pe. Inacinho puseram-se a trabalhar.

Na véspera do Natal, veio muita gente, para ver o Bispo, e para nos ver também. Quando foi à tarde, chegou o Joaquim Dias (avô do nosso falecido Pe. Benedito Dias) com o João, que devia ter aí uns 10 anos, puxando um animal carregado de mandioca, milho verde, batata-doce, arroz e feijão. Descarregou tudo em nossa casa, de presente. E nós o aceitamos como uma dádiva do Natal.

Sancta Simplicitas

Vamos em frente com o Cronista: Na festa de São Sebastião trouxeram muitas prendas para o leilão. Frangos, queijos, arroz etc. O Irmão Norberto não sabia como agradecer a Deus, pensando que a Comunidade ia ter provisões para muito tempo. Que frango “ponito”! Que “queixo” lindo! — e ia levando

tudo para dentro de casa, até que o Pe. Souza deu pela coisa e avisou o Irmão: Deixe tudo aqui, porque é tudo para o leilão.

Passada a festa, mudamos para a outra parte da casa de D. Ana, que também nos foi cedida, até que construíssemos o convento. Ali passamos a fazer todos os exercícios: Levantar às quatro e meia, meditações, exame particular, leitura espiritual ou conferência.

Não nos faltava trabalho. Além do trabalho em casa, ou na igreja, auxiliávamos os pedreiros, carregávamos estrume, fazíamos reboco, lenhávamos na mata uma ou duas vezes na semana, carregando os feixes de lenha nas costas; fazíamos as cercas de arame, roçávamos o mato, e apesar do calor, não podíamos mudar a batina de trabalho, que era a única. Todos os dias de manhã, vestíamos a batina molhada na véspera; e era com roupa molhada no corpo que fazíamos as meditações, ajoelhados sobre um chão de terra úmida.

Por esse tempo, nossa alimentação era bem fraca. Raramente víamos um pedacinho de carne. Às vezes faltava também o arroz. Muitas vezes só tínhamos feijão e quirera para comer.

Certo dia o Irmão Floriano (depois Pe. Vicente) inventou de nos preparar um “Schmarren”. Trabalhou como pôde, mas ao notar que não pusera sal no arroz, tomou um punhado de sal grosso, e misturou mais ou menos na massa. Sentamo-nos à mesa, e com muita fome. Quando vimos o “Schmarren” com aqueles grãos de sal, caçoando de nós, adeus apetite!

Quanto à língua, os Pes. Siebler e Hubbauer aprenderam-na mais depressa. Mas o Pe. Späth,

com a memória já enfraquecida, não teve o mesmo sucesso. Como o Pe. Gebardo precisava sair muitas vezes, ele o substituía como Superior. E era de dicionário em punho que ele atendia à portaria. Mas o dicionário não resolvia nada. Certo dia veio um homem que queria caçar no nosso pasto. O Pe. Späth entendeu que ele queria casar-se, e deu-lhe a entender que precisava antes confessar. O caboclo respondeu: Vô maginá. E foi-se embora.

O Irmão Norberto, às vezes, fazia-se também de porteiro. Um belo dia alguém apareceu na portaria, trazendo um caixãozinho, e falou qualquer coisa ao Irmão, que nada entendeu. Pelo contrário, preocupado sempre com a sua cozinha, achou que recebera um caixote de ovos, e o levou para dentro. Logo abriu, e deu com o cadáver de um pretinho, que o homem tinha trazido para enterrar...

Escorpiões e lacraias

São conhecidos em toda parte. Mas, in illo tempore, em Trindade, apareceram exemplares de uma outra estirpe. Mais astutos e venenosos.

Com a palavra D. Eduardo D. Silva, em suas Memórias: ... A caminho, de Bela Vista para Campininhas, veio ao meu encontro o Pe. Späth, que exclamou todos apavorado: Revolução! Sr. Bispo, revolução!

Contou-me então que um tal Coronel Anacleto, homem grosseiro, inculto e sem religião, anos antes palhaço de circo, se arvorara em bispo, mandando fazer a novena e Festa de Barro Preto (Trindade) no dia em que se fazia sempre contra minhas

ordens; expulsara de lá os Padres Redentoristas, espancando um dos Irmãos leigos, e que, como de costume gente de todas as paróquias, mascates, jogadores e mulheres decaídas lá estavam em grande número, e todos eram partidários do Coronel palhaço. Acalmei o Padre, e prometi tomar providências.

Seguimos todos para Campininhas, onde iríamos resolver o que devia ser feito. De lá despachei o Pe. Francisco Cunha (para Barro Preto) a fim de se informar sobre as disposições daquela gente.

Tendo vindo a Campininhas o Juiz de Direito, combinei com ele, com o Pe. Superior e demais eclesiásticos da minha comitiva, irmos todos ao Barro Preto, uma vez que o Pe. Cunha regressara, afirmando que todo o povo me esperava, e queria receber-me festivamente. Foi uma cilada que me prepararam, e na qual infelizmente caí, quase custando a minha vida e a de meus companheiros

Marquei a saída para a madrugada seguinte. Mas ainda não havíamos montado, quando chegam ao convento uns vinte e tantos homens de Campininhas, dispostos a acompanhar-me, e se preciso, defender-me. Agradei muito, e pedi que regressassem às suas casas, pois eu queria ir só, pacificamente. Incredibili dictu! Um dos padres da minha comitiva informou depois a Nunciatura, de que eu, com um pelotão de homens armados, fui tomar de assalto o arraial de Barro Preto!

Rivais como eram dos de Barro Preto, os de Campininhas insistiram, afirmando que minha vida corria perigo. Concordei, porém, com a condição de não levarem sequer um canivete, o que eles prome-

teram, mas não cumpriram, seguindo à minha retaguarda, armados, e sem eu o saber.

Chegamos de surpresa, encontrando o arraial em completo silêncio. Mandeí buscar a chave da igreja, que custou muito a ser entregue pelo sacristão, nomeado pelo Anacleto, e todos entramos. Encheu-se logo o Santuário de gente, e estando eu no presbitério, apresenta-se o bispo-palhaço de circo, que eu não conhecia, para tomar satisfações, julgar o meu decreto mudando a data da festa, e declara que o negro sacristão, por ele nomeado, não podia ser destituído.

Quem era o tal sacristão? Um rato de igreja. Perguntei então: quem é o Sr. que me fala com tanta autoridade? Sou o Coronel Anacleto, católico, apostólico, e não romano. — E o Sr.? — perguntei a outro indivíduo que o acompanhava. — Sou o Coronel Gonçalves, também católico, apostólico, e não romano. — Pois então, que pretendem os Srs. se este é um Santuário de católicos romanos? — Qual nada — disse o Anacleto — estamos em República, e quem manda é o povo; eu sou o administrador das rendas aqui, e não esses frades estrangeiros. Fiz o possível para convencer o tal de coronel de que ele estava errado; mas tudo inútil. Foi quando Frei Joaquim, meu companheiro de viagens pastorais, gritou: Sr. Bispo, lance o interdito a esta igreja; levamos a imagem e vasos sagrados para Campininhas, antes que esta gente, sem religião, profane tudo! — Foi o que eu fiz.

Mas, ao chegarmos à porta, vimos, do lado de fora, uma grande aglomeração de homens armados de garruchas, e um bando de mulheres da vida alegre, armadas com facas. Diante desse espetáculo,

eu disse a todos: Meus filhos, não vim aqui para amaldiçoar ninguém, mas para abençoar. Ajoelhem-se, que eu vou dar a bênção!

Ajoelharam-se todos, menos o Anacleto que gritou: Quem é que manda aqui? Levantem-se! Isto se repetiu por três vezes, até que os de fora, com o Anacleto à frente, nos gritaram: Se derem mais um passo, vai fogo! — e apontavam para mim as suas garruchas. Atrás de mim os campinenses responderam: E nós também mandamos fogo!

Previendo uma hecatombe, o Juiz de Direito pediu-me que regressasse ao altar. É que ele tinha mulher e filhos; não queria morrer, e estava muito impressionado com o meu criado César que chorava alto, tremendo de medo. (Pudera!)

Atendi o que me pediam. Profundamente abatido, pois saíra de Campinhas em jejum, caí desfalecido num catre, numa casa para onde me levaram. Foi quando Anacleto mandou distribuir aos seus apaniguados um pipote de cachaça. Embriagados todos, passaram a espancar os nossos animais.

Estava eu ainda deitado, quando o Anacleto penetra no quarto, e me diz em tom agressivo: Entregue-me, já e já, o santíssimo de ouro, que um desses frades vai levando! — Santíssimo de ouro? — perguntei. — O Sr. não sabe o que está dizendo; aquilo não é santíssimo, mas é custódia! — Não me chame de ignorante — retrucou — e entregue-me o santíssimo!

Nisto chega ao meu quarto Frei Joaquim, muito assustado, insistindo para irmos embora quanto antes, dado o perigo de sermos liquidados por aqueles ébrios e prostitutas, que berravam a todo pul-

mão: Viva no céu o Pai eterno, e, na terra, o coronel Anacleto!

Extenuado, e magoado, voltei para Campininhas, resolvido a reclamar dos poderes competentes, na Capital. Nada consegui, pois o Anacleto era chefe político no Barro Preto, e as autoridades precisavam dele. — Até aqui as Memórias de D. Eduardo.

Por essas e outras, os Nossos, recém-chegados a Goiás, viram logo que, na Trindade daquele tempo, se o barro era preto, havia outras coisas pretas também. Civilizar o Arraial, e cristianizar o Santuário, foi trabalho de muitos anos e de muito sacrifício. Mas os Nossos, “pacientes e corajosos, tudo suportaram”.

NB. — Quanto ao trabalho dos Nossos: 1) nas suas Paróquias de Campininhas, Trindade, Bela Vista, Goiabeiras, Ribeirão, Bananeiras, Caldas Novas, Morrinhos, Alemão...

2) nas intermináveis “desobrigas” em capelas e fazendas, em lombo de burros etc. etc.

3) no apostolado de evangelização, realizado pelos velhos Missionários, Pes. Lourenço, Wendl, Vicente, Martinho, Roberto, Francisco, Sebastião, Conrado, Pelágio, e tantos outros... a Província espera pela pena de um Historiador corajoso e competente, ut in omnibus glorificetur Deus.



II - FUNDAÇÃO EM APARECIDA

Tendo enviado a Roma o seu Vigário Geral, Mons. Joaquim Arcoverde, com o encargo de conseguir Religiosos para cuidarem do Santuário de Aparecida, o Bispo de São Paulo, D. Lino Deodato não pôde ver realizado o seu sonho. Antes que os Nossos chegassem, ele faleceu em Aparecida, na residência do tesoureiro Sr. João Maria.

Sucedeu-o como Bispo de São Paulo D. Joaquim Arcoverde, que se tornou, mais tarde, o primeiro Cardeal brasileiro. E foi nele que os Nossos encontraram sempre um grande amigo, um apoio seguro naqueles primeiros anos de fundação em Aparecida.

O início da nossa atividade no Santuário deu-se a 1.º de novembro (1894) quando o Superior, Pe. Lourenço Gahr, cantou a Missa solene, às 9 horas. O Vigário continuava sendo ainda o Pe. Claro Monteiro; mas não demorou para que ele confiasse aos Nossos uma parte do trabalho: a Missa solene do Ssmo. às quintas-feiras, a Missa de Nossa Senhora, aos sábados, o Viático aos doentes, e os Batizados.

Infelizmente — diz o Cronista — a devoção dos romeiros reduzia-se quase exclusivamente a beijar as fitas que pendiam da Imagem milagrosa; nada de confissões. E nem havia ocasião para isso, pois, até então, nenhum padre ia ao confessionário; a média de confissões, por ano, não passava de... vinte!

A 8 de dezembro, pela primeira vez, puderam os Nossos assistir a uma procissão, à brasileira. Diz o Cronista que: Às cinco e meia saiu, em ordem, edi-

ficante procissão, com a Imagem milagrosa no andor, acompanhada da banda de música. Quase todos levavam velas acesas, e os foguetes espoucavam continuamente.

Às seis e meia voltou a procissão para a igreja, magnificamente iluminada. Centenas de velas tinham sido acesas na igreja e no altar. O Cônego Henriques fez o sermão, seguindo de solene Te Deum. Às 8 horas estava tudo terminado. Às oito e meia foram queimados, na praça, fogos de artifício, como nunca tínhamos visto, e nem podemos descrever. O espetáculo durou mais de uma hora; e durante esse tempo a banda não parou de tocar.

Aí pelos fins de novembro, teve o Pe. Wendl a sua primeira “aventura pastoral”. Voltando de um trabalho, nas redondezas, o cavalo que montava espantou-se com o trem que passava no momento. O animal empinou de repente, atirando longe o aprendiz cavaleiro. Mas este nada sofreu. Levantou-se, e voltou a tomar a sua condução, pois o cavalo ficou parado, calmo, como se nada tivesse acontecido. Pe. Wendl montou novamente, e voltou inteiro para a casa, dando graças a Deus.

Quando, em novembro, começou a grassar em Cruzeiro-SP o cólera morbus, o Vigário local tratou de salvar a própria pele; o pastor fugiu de medo, diz o Cronista. E o Pe. Claro Monteiro foi designado para socorrer aquela pobre gente. Após algumas semanas, voltou exausto para Aparecida, solicitando logo uma licença do seu cargo. Interinamente assumiu então a Paróquia o Pe. Wendl, que já estavam começando a falar... em português.

Novos tempos

Com o novo Vigário, o povo de Aparecida logo percebeu que, tanto o Santuário como a Paróquia iam deslanchar. E foi o que realmente aconteceu. A casa de Aparecida contava então com apenas dois Padres. O Superior, Pe. Gahr, devido aos seus venerandos 64 anos, não conseguia mesmo aprender a língua.

Todo o trabalho, na igreja e na Paróquia, recaiu sobre o Pe. Wendl; e este não reclamou, pois trouxera da Alemanha, uma carga extraordinária de saúde e de atividade que não podia mofar. Atirou-se, por isso, ao trabalho, com todo o entusiasmo das suas forças.

Na igreja, era ele quem celebrava, pregava, atendia confissões, e fazia os batizados. Onde houvesse um doente para atender, lá ia o novo Vigário, a pé, ou a cavalo, fosse em Aparecida, em Roseira, no Potim, no Bonfim, ou até mesmo em Lagoinha.

Apesar do perigo de contágio, foi de um zelo simplesmente heróico, ao atender os casos de cólera que irromperam naquele ano (1895) em Aparecida. Consta nas Crônicas a sua primeira “excursão missionária” realizada a 17 de março.

Logo de manhã, em jejum, tomou o trem em Aparecida, para sacramentar um doente em Roseira. Aqui, deveria encontrar-se, na estação, com um cavaleiro, que lhe devia pôr um cavalo à disposição. Mas, quando chegou, nem cavaleiro, nem cavalo. Olhou para todos os lados; perguntou a todo mundo, e afinal lhe disseram: O doente mora lá onde está subindo aquela fumaça.

Pe. Wendl. começou logo a sua caminhada a pé. Após uns quinze minutos, chega o cavaleiro com o cavalo. Desculpou-se, dizendo que o cavalo havia fugido do pasto.

Chegando ao rancho do doente, Pe. Wendl encontrou um pobre velho, enrolado num trapo de cobertor, deitado no chão, sobre uma esteira. Disse que era Padre, e lhe falou da confissão. Ouvindo isso, o velho cobriu ainda a cabeça, e resmungou: Num dá mais. Pe. Wendl procurou prepará-lo para a confissão; mas o velho nada dizia, encolhido debaixo da coberta. Resultado: absolvição e Unção “sub conditione”.

Saindo dali, foi atender a um doente que o recebeu muito bem, confessando-se e comungando com muita piedade. Mas o Padre continuava preocupado com o velho, e voltou ao rancho, para uma nova visita. E foi aquela surpresa. O doente estava todo alegre e feliz, conversando, e não sabendo como agradecer. Pe. Wendl ainda o animou, deixando-o preparado para a morte; saiu dali, e montou no seu cavalo, para voltar.

No caminho, o animal atolou num brejo, e foi aquele trabalhão para o Padre e seu companheiro arrancá-lo do barro. Logo que se viu livre, o animal fugiu; e toca a procurá-lo.

Afinal Pe. Wendl o encontrou numa capoeira, bem escondido. Montou novamente, e em Roseira, ainda pôde pegar o trem, para chegar a Aparecida pouco antes do meio dia, em jejum, e para celebrar.

Encarregados do Santuário

Enquanto se restabelecia em São Paulo, Pe. Claro Monteiro resolveu pedir exoneração do seu cargo. E a 22 de janeiro (1895) escreveu ao Superior de Aparecida: De ordem de S. Excia. Revma. o Sr. Bispo Diocesano, comunico a V. R. que, tendo obtido exoneração do cargo de cura desse episcopal Santuário, o mesmo Senhor resolveu encarregar os Revdos. Pes. Redentoristas da administração interina do dito episcopal Santuário, até que seja nomeado outro. Deus guarde V. Revma.

Diante disto, escreve o Cronista: ficamos assustados, devido a nosso insuficiente domínio da língua; mas, lembrando o pouco que fora pastoralmente feito até então, que não se atendiam confissões, nem se pregava, e que até o Pe. Claro se ausentava freqüentemente, e por longo tempo, animamo-nos, e refletimos: ao menos tão bem, ou mesmo melhor poderemos cuidar do Santuário.

E foi o que aconteceu. Pe. Wendl começou a freqüentar assiduamente o confessional; aos domingos e festas, lia o Evangelho com uma pequena explicação, passando, depois, a pregar com certa facilidade.

Sede vice-provincial

Como D. Eduardo tinha sido o primeiro Bispo a pedir os Redentoristas bávaros para a sua Diocese, Pe. Geral determinou que ficasse em Campinas a sede da V. Província, com uma segunda fun-

dação, que seria a de Aparecida. Mas o V. Provincial, Pe. Gebardo, logo percebeu o que na Europa não podiam saber. Campininhas não era o lugar ideal para a residência do V. Provincial. Longe demais, sem comunicações, e sem recursos. Médicos, autoridades, compras e outros assuntos, tudo tinha que ser tratado em São Paulo ou no Rio.

Uma carta de Campininhas para Gars ou Roma, levava só três meses para chegar, quando chegava; com mais três meses para trazer uma resposta, eram seis meses de espera. Por esses e outros motivos Pe. Gebardo apresentou o problema ao Pe. Geral, e ficou esperando uma decisão.

Já nos primeiros meses de sua permanência em Campininhas, Pe. Gebardo teve que sair várias vezes, para fazer compras em Goiás, ou mesmo em Uberaba; e em maio (1895) precisou vir a São Paulo e ao Rio. Durante essa viagem aproveitou para fazer a primeira visita canônica em Aparecida.

Aí o Superior, Pe. Gahr, lhe falou também da necessidade de transferir a sede da Vice-Província. Mas, como tinha assuntos urgentes em Goiás, resolveu voltar logo.

Em poucos meses, novamente aquela viagem interminável. Chegando a Uberaba, lá encontrou a tropa à sua espera, para levá-lo a Campininhas. Mas aconteceu o que não esperava. No segundo dia de viagem, caiu do cavalo, e quebrou o braço esquerdo. Que fazer? Região deserta, sem uma casa sequer onde pudesse ficar; médico, nem pensar. Faltavam ainda 18 dias para o fim da viagem. Único remédio: voltar para Uberaba. Aí, caridosamente recebido pelos Dominicanos, pôde fazer o tratamento necessário, e a 29 de junho já pôde celebrar.

Mais uns dias, e voltou a Aparecida, onde recebeu carta do Geral, autorizando a mudança da sede V. Provincial. Ficou então resolvido que o Superior de Aparecida iria para Campininhas, substituído pelo V. Provincial, que seria também Superior local e Vigário.

A 15 de setembro, Pe. Gahr e Ir. Simão viajaram para Goiás. Como nada sabiam da viagem, Pe. Gebardo os acompanhou até Uberaba, onde fez ainda algumas compras para a casa de Campininhas, voltando logo para Aparecida.

Quem não gostou dessa mudança foi D. Eduardo. Ele já estava vendo no V. Provincial dos Redentoristas um amigo sincero, conselheiro esclarecido, e homem de muito virtude; um valor que o Bispo e sua Diocese perdiam. Mas, como sempre, Deus estava escrevendo direito por linhas tortas.

Primeiras atividades

Fixando o V. Provincial em Aparecida, veio também de Goiás o admonitor e consultor, Pe. Späth. Mais tarde veio o Pe. Siebler, que já estava falando o português com certa facilidade, indo o Pe. Wendl para Goiás, como missionário.

O V. Provincial, embora já estivesse com saúde um tanto abalada (tuberculose?) viu logo diante de si um campo imenso de trabalho; e não perdeu tempo, para acionar o seu zelo e suas qualidades. Dedicou-se com todo empenho em consolidar as duas primeiras Comunidades da V. Província, fixando metas, organizando o trabalho, e animando os Confrades.

Os sacrifícios e privações da fundação em Goiás ele os sentira na própria pele, e sabia o quanto deviam os Nossos fazer por aquela gente abandonada em povoados e fazendas. Em Aparecida tinha diante de si um Santuário incipiente, mas que prometia transformar-se num dos maiores do mundo.

Tratou, por isso, de estimular o zelo e o espírito de sacrifício de seus Confrades, sem descuidar, no entanto, a vida religiosa das Comunidades. Foi assim, com trabalho e oração, que os Nossos conseguiram lançar os alicerces de uma das maiores Províncias redentoristas do mundo. Todos deram a sua parte de trabalho e de sacrifícios; mas a cabeça pensante, e o pulso dirigente eram, sem dúvida, o Pe. Gebardo Wiggermann.

Como o Pe. Späth, devido aos seus 60 e poucos anos, não conseguia mesmo aprender a língua, ele apenas celebrava e fazia algum batizado. O mais, tanto na igreja, como na paróquia, ficava por conta dos Padres Gebardo e Wendl, este, mais tarde, substituído pelo Pe. Siebler.

Na igreja, as Missas eram todas no período da manhã, já que as Missas vespertinas ainda não eram permitidas. E, durante as Missas, um ou dois Padres permanecia no confessionário, houvesse ou não penitentes. Com isso foi aumentando sempre mais o trabalho das confissões, já que, em suas paróquias, os romeiros geralmente não conseguiam confessar-se.

A Missa do Santíssimo, às quintas-feiras, já estava introduzida no Santuário, e era celebrada com toda solenidade. Basta dizer que a Banda musical “Aurora Aparecidense” foi fundada para, às quin-

tas-feiras, dar uma volta tocando pela praça, a fim de chamar o povo para a Missa do Santíssimo.

Aos sábados, também já era celebrada a Missa de Nossa Senhora, à qual os Nossos acrescentaram o cântico do Magnificat, com incensação do altar. Como todo o trabalho era realizado sempre por dois Padres apenas, eles tinham que se desdobrar em dias de romaria, na Semana Santa, ou nas festas principais.

Pela primeira vez, em 1897, foi celebrado em Aparecida o Dia de Corpus Christi. Toda a cidade se ornamentou para a procissão, com arcos de triunfo e faixas nas ruas. Encerrando as solenidades, “a fuzilaria foi medonha”, diz o Cronista.

Um Te Deum extraordinário e inesperado foi cantado em 1897, na igreja. Aconteceu que, certo dia, após ter fechado a igreja, à noite, o sacristão deu com um preto, escondido num dos confessionários, com um estranho objeto de devoção: nada menos que um pé-de-cabra. Para arrombar o cofre, ou o nicho da Imagem? Não se sabe. Logo chamada, a polícia chegou; prendeu o moreno esperto, e o levou para a sua terra, Guaratinguetá.

No dia seguinte, foi cantado o Te Deum em ação de graças, por não ter o negro realizado os seus planos, certamente nada piedosos.

Enviai, Senhor, operários...

Mal começaram os Nossos a trabalhar em Campininhas e em Aparecida, o Vice-Provincial percebeu que a messe era muito maior do que eles imaginavam na Europa, e o número de trabalhadores

mal dava para começar. Por isso, já em princípios de 1895, Pe. Gebardo pôs-se a escrever ao Provincial de Gars, expondo a situação e pedindo reforços.

A Província-Mãe não estava em condições de atender esse pedido, por falta de pessoal. Além disso, as notícias das dificuldades e ingentes sacrifícios, principalmente em Goiás, já haviam chegado por lá, mostrando que a fundação no Brasil não era estação de repouso para ninguém. mesmo assim não faltaram voluntários que se ofereceram generosamente para o sacrifício.

Em setembro de 1895, uma segunda turma saía de Gars, rumo ao Brasil. Era chefiada pelo Pe. Valentim Riedl, que já devia ter vindo com os primeiros, e contava com o Pe. Eugênio Mahlbacher (de 25 anos, apenas), os subdiáconos Roberto Hansmaier e Antônio Fischhaber, além de nove irmãos coadjutores.

Após uma viagem com muitos dias de enjôo, chegaram ao Rio a 25 de outubro e, no dia seguinte, já estavam em Aparecida. Dessa nova turma, o Pe. Valentim pouco pôde ajudar na igreja e em algumas pequenas Missões. Fez, porém, muito, como primeiro Diretor do recém-fundado Juvenato, em Aparecida.

Pe. Mahlbacher já estava tuberculoso, quando aqui chegou. Sonhava melhorar com a mudança de clima; Deus, porém, o chamou, três anos depois. Os dois subdiáconos, ordenados em São Paulo, muito puderam realizar pela V. Província, como Missionários, ou como Superiores.

Primeiras Missões

Dispondo de novas forças, pôde a incipiente V. Província arriscar os primeiros passos no terreno das Missões populares. Naturalmente ainda não se tratava de Missões estruturadas em planos e esquemas; isso foi amadurecendo aos poucos.

Coube, porém, aos que nos precederam, abrir as primeiras picadas; e eles o fizeram com muito senso prático, dentro do espírito missionário da Congregação, e respeitando sempre a índole do nosso povo. Esse o motivo do êxito que marcou as nossas Missões, desde que começaram a ser pregadas.

Já em março de 1896, Pe. Siebler gastou o seu português novinho em folha, em Bonfim, naquele tempo como hoje, um simples povoado, quase feudo de um português muito rico e não menos piedoso. O resultado foi bastante animador, tanto que o povo de Lagoinha também quis ter a sua missão. Novamente o Pe. Siebler, dando o que tinha em 15 pregações, durante uma semana.

Em abril, foi a vez do Potim, e depois, de Cunha, onde a Missão durou dez dias. Em outubro de 1897 os Padres Siebler e Valentim pregaram a Missão de Areias. Diz o Cronista: Foi aqui que os Padres começaram a perceber que os brasileiros não seriam levados aos exercícios matinais da Missão, sem cerimônias especiais — (até que descobrimos a Procissão da Penitência).

A Missão de Silveiras, em 1898 já foi mais prolongada, e durou 12 dias. Os dois Missionários, Padres Valentim e Siebler, tiveram um trabalho daqueles, principalmente no confessional.

Como nas Missões anteriores, eles puderam notar que, aqui no Brasil, todo mundo pertencia à classe das almas mais abandonadas. Graças a essa experiência puderam os Nossos, em suas cartas à Província-Mãe, insistir para que novas forças continuassem chegando, quase anualmente, à V. Província.

Dificuldades

Diz o Cronista: Para nós, alemães, uma dificuldade muito grande era sempre a língua. Desprevenidos, vimo-nos, de repente, na situação de quem é atirado n'água sem saber nadar. Tínhamos que iniciar logo o nosso trabalho, e não sabíamos falar a língua do país. Mas uma coisa percebemos de início: Padres e Irmãos de mais idade não podiam vir para o Brasil, já que não chegariam mesmo aprender a língua.

Naquele tempo também já surgiram dificuldades a respeito dos Batizados que vinham de outras Paróquias. E o Vigário de Guaratinguetá foi o primeiro a determinar aos seus paroquianos: Batizados em Aparecida, somente com minha licença. E foi mais longe, queixando-se ao Bispo (SP) que os Redentoristas estavam violando seus direitos.

O Ordinário não fez mais senão determinar o que já estava sendo feito pelos Nossos: De acordo com o Direito Canônico realizavam os Batizados de fora, e enviavam a notificação aos respectivos Vigários.

Quando os Nossos chegaram a Aparecida, já ali vivia o Cônego Henriques, português, que colabo-

rava no Santuário com o Vigário, Pe. Claro Monteiro. E era natural se sentisse apagado com a presença dos Redentoristas, inda mais quando eles assumiram todo o trabalho do Santuário.

O Cônego, afastando-se pouco a pouco dos Nossos, começou contra eles uma campanha que durou uns bons anos. Em suas conversas com amigos e conhecidos, procurava injetar o descontentamento contra aqueles Padres estrangeiros, que não sabiam falar, que não instruíam o povo, que estavam usufruindo bens do Santuário, y otras cositas más.

No seu jornalzinho “Luz de Aparecida” eram freqüentes suas críticas ao Tesoureiro, aos Padres, e mesmo ao Bispo. A insubordinação e desrespeito, chegaram a tal ponto que o Cônego acabou suspenso de ordens. Mesmo assim continuou vivendo em Aparecida.

Já no fim da vida, porém, voltou atrás, e reconciliou-se com o Bispo que lhe deu novamente o uso de ordens. Foi tratado, então, com toda caridade pelos Nossos, que o convidaram ainda para as cerimônias religiosas, em ocasiões mais solenes.

Em 1897 um jornalzinho local encontrou a maneira de aprontar para os Padres um grande aborrecimento. Noticiou com certa antecedência que, naquele ano, a festa da Padroeira seria celebrada num domingo antes do previsto. Resultado: No dia da festa (15 de maio), a afluência de romeiros foi insignificante.

Começaram, então, os boatos e explicações que o jornalzinho semeava: O povo estava descontente com os Padres — o dinheiro do cofre estava sendo mal administrado — ninguém mais queria ir a Aparecida — e semelhantes. Mas os boatos passa-

ram; as más línguas se cansaram; e os Nossos continuaram trabalhando.

Amigos e benfeitores

Registrando dificuldades e aborrecimentos experimentados pelos Nossos, o Cronista não se esqueceu de anotar também o apoio, bem como as muitas provas de estima, recebidas de amigos e benfeitores da Congregação.

O primeiro nome lembrado é o de D. João Batista Guidi, naquele tempo, representante da Santa Sé no Brasil. Sempre que chegavam Padres ou Irmãos da Alemanha, era ele quem tudo resolvia na alfândega, providenciava hospedagem, passagens grátis na Central etc., como se fosse um Procurador nosso.

Sempre que visitava Aparecida, recusava hospedar-se com o Tesoureiro, para ficar em nosso Convento, e exigindo que não o tratassem com cerimônias. Foram tantos os privilégios e faculdades por ele concedidas aos Nossos, que um Bispo chegou a dizer, admirado: Nem eu tenho tantos poderes assim!

Outro grande amigo nosso foi o então Vigário-geral de São Paulo, Mons. Tergo de Camargo Dauntre. Quando ia a Aparecida, pedia licença ao Superior para pertencer à Comunidade, tomando parte nos exercícios comuns, fazendo a leitura à mesa, ou ajudando no trabalho da igreja.

Menção toda especial merece também o então tesoureiro do Santuário, Sr. João Maria. Foi o homem que cuidou de tudo, naqueles primeiros a-

nos, para que nada faltasse à Comunidade. Ampliação da casa, móveis, compras, empregados, cavalos, arreios, nada escapava aos seus cuidados. Foi, muitas vezes, o auxiliar do V. Provincial, na redação das cartas a Bispos e outras Autoridades. Pela sua incansável atenção conosco, mereceu o Diploma de Oblato Redentorista, que o nosso Pe. Geral lhe conferiu.

Em se tratando, porém, de amigos e benfeitores nossos aquele que mais se distinguiu foi, sem dúvida, o Bispo de São Paulo, D. Joaquim Arcoverde. Tendo conseguido, em Roma a vinda dos Redentoristas para a sua Diocese, ele foi, desde os primeiros dias, não um Superior, mas um amigo e um pai, com o qual o V. Provincial sempre pôde contar.

Quando os Nossos chegaram a São Paulo, antes que viajassem para Aparecida, foi ele quem os recebeu e hospedou no Seminário Diocesano, atencioso com todos, prevendo e ordenando tudo, para que nada viesse a faltar aos Redentoristas. Não podia ocasião de manifestar a sua confiança nos Religiosos que conseguira para Aparecida. E mal começaram os Nossos a trabalhar, era com alegria que ele elogiava a nossa atividade, “ainda insignificante”, diz o Cronista.

Ao Tesoureiro deu ordens, não só de atender a tudo o que os Nossos pedissem, mas até de adivinhar o que eles queriam. E quando pressentiu sua nomeação para Arcebispo do Rio, quis deixar bem clara e assentada a nossa situação em Aparecida. Nesse ponto foi até insistente com o V. Provincial. Este se mostrou indeciso, quando o Bispo lhe falou de redigir um contrato que assegurasse a nossa

permanência em Aparecida. — Quando eu não estiver mais aqui — disse D. Arcoverde — não sei como irão correr as coisas... Nesse contrato, que devia ser feito entre o Bispo de São Paulo e o Geral da C.Ss.R. ficava determinado:

1) A Casa que os padres estão ocupando, fica cedida aos mesmos in perpetuum, como residência, que eles poderão ampliar e modificar internamente, segundo as necessidades da Comunidade;

2) Uma boa parte de terreno, pertencente ao Santuário atrás do “Colegião” (que ia ser construído), fica entregue ao usufruto dos padres (foi essa a chácara que, durante muitos anos, forneceu toda a fruta e verdura para o Convento, graças ao trabalho dos nossos Irmãos);

3) O Superior da Casa é o Pároco do Santuário, dependendo unicamente do Ordinário;

4) Os Padres de Aparecida poderão pregar Missões e administrar os Sacramentos em toda a Diocese de São Paulo;

5) Poderão também, se o quiserem, erigir outros conventos em qualquer localidade da Diocese;

6) Se, porém, algum dia, os padres quiserem deixar a Diocese, poderão fazê-lo somente mediante aviso prévio, de pelo menos um ano, ao Bispo diocesano.

Este contrato, assinado por D. Arcoverde e pelo nosso Pe. Geral, foi apresentado à aprovação da Santa Sé. Até ser aprovado, muita consulta foi feita, e muita tinta foi gasta em cartas e mais cartas. É que, em Roma, houve quem visse, no simples usufruto, uma alienação de bens do Santuário — o que não era exato. E a 17 de março de 1897 o Contrato foi aprovado pela Santa Sé.

O Cronista ainda lembra, com Benfeitores nossos, o Sr. Rodrigo, de Aparecida, e o Sr. Galvão, do Potim. O primeiro, conhecido como Coronel Rodrigo, era pai dos Pires do Rio (que mais tarde se distinguiram na política) dono da fazenda que levava o seu nome, e que ainda existe (em parte), ao lado da Rodovia Presidente Dutra, junto ao trevo de entrada em Aparecida.

Seu trole estava sempre à disposição dos Nossos, e nunca deixou faltar café e leite para a Comunidade, naqueles primeiros anos. O segundo era fazendeiro, e da sua fazenda no Potim, mandava semanalmente uma carroça bem sortida com frutas, mandioca, batata etc. para o Convento de Aparecida.

Que Deus recompense por tudo a todos os nossos benfeitores e amigos — diz o Cronista agradecido. Sim, porque só Deus conhece as grandes ofertas, sem esquecer os óbulos das viúvas...

Finalizando

O Cronista encerra suas notas sobre aqueles primeiros anos em Aparecida, citando um jornalzinho, “A Folha” de 2 de janeiro de 1898. Num artigo intitulado “Os Padres Redentoristas”, diz o citado jornal: O romeiro que veio a Aparecida há quatro anos, e agora visita o Santuário, comparando a impressão que teve naquele tempo com a que tem agora, ficará sem dúvida atônito, diante do que agora pode ver. A romaria daquele tempo era, com exceções, puramente exterior. A devoção consistia no

ósculo à Imagem, numa esmola colocada no cofre, e acabou-se.

Os Padres Redentoristas iniciaram uma nova era para o Santuário Episcopal de Aparecida, depois que aqui chegaram a 28 de outubro de 1894. A pregação pela palavra e pelo exemplo; a paciência invencível, que acompanham aqueles que combatem erros e paixões, receberão, sem dúvida, a sua recompensa.

Na igreja de Aparecida a instrução religiosa era coisa rara; poucos assistiam à Santa Missa. Se falarmos do grande preceito da confissão, devemos verificar que não se pode garantir que 100 pessoas cumprissem com a obrigação da confissão anual. Em contraposição, no ano passado, foram distribuídas em Aparecida 7.700 comunhões.

Não precisamos dizer mais, para dar ao leitor uma imagem segura sobre o movimento religioso no passado e agora. Louvada seja a Senhora Aparecida, e glória aos incansáveis Redentoristas!

* * *

De 1898 até 1979 aquele Episcopal Santuário, depois Basílica Nacional de Aparecida, viu correr muito suor redentorista. Alguma coisa ficou certamente na Crônica da Casa; mas muita coisa consta somente in libro vitae... à espera da ressurreição final.

